

IARA DAS CHAGAS DA SILVA

**ESTIGMA E EVASÃO ESCOLAR FEMININA:
Barreiras Sociais e Desafios para a Permanência Educacional**

IMPERATRIZ-MA

2025

Das Chagas da Silva, Iara.

ESTIGMA E EVASÃO ESCOLAR FEMININA: barreiras Sociais e Desafios para a Permanência Educacional / Iara das Chagas da Silva. - 2025.

15 f.

Orientador (a): Maynara Costa de Oliveira Silva. Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz - Maranhão, 2025.

1. Evasão Escolar. 2. Desigualdade de Gênero. 3. Estigma. 4. Interseccionalidade. I. Costa de Oliveira Silva, Maynara. II. Título.

IARA DAS CHAGAS DA SILVA

ESTIGMA E EVASÃO ESCOLAR FEMININA: Barreiras Sociais e Desafios para a Permanência Educacional

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico ou Relato de Experiência) apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão/ UFMA, como requisito para obtenção do título de licenciado (a) sob orientação da profa. Dra. Maynara Costa de Oliveira Silva

Aprovado em: 21/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Maynara Costa de Oliveira Silva

Orientador/a

Vanda Maria Leite Pantoja

1º Examinador/a

Laurinda Siqueira

2º Examinador/a

IMPERATRIZ-MA

2025

RESUMO

ESTIGMA E EVASÃO ESCOLAR FEMININA: Barreiras Sociais e Desafios para a Permanência Educacional

STIGMA AND FEMALE SCHOOL EVASION: Social Barriers and Challenges to Educational Permanence

Iara das Chagas da Silva – Universidade Federal do Maranhão (UFMA) -
chagas.iara@discente.ufma.br

Resumo: A evasão escolar feminina resulta da interação entre desigualdade de gênero, raça e classe, agravada pela ausência de políticas públicas eficazes. Este estudo analisa os fatores que contribuem para a desistência escolar de meninas, com foco na divisão desigual do trabalho doméstico, gravidez precoce e vulnerabilidade socioeconômica. Dados do IBGE (2022) mostram que meninas negras e indígenas enfrentam maior evasão escolar do que brancas. O estudo justifica-se pela necessidade de compreender os desafios estruturais que excluem essas jovens do sistema educacional. metodologia baseia-se em revisão bibliográfica interdisciplinar, considerando Margaret Mead (1949) sobre temperamento na adolescência, Miriam Grossi (1998) sobre desigualdade de gênero na escola e Kimberlé Crenshaw (1989) sobre interseccionalidade e Erving Goffman acerca do estigma. Os resultados apontam que a precariedade econômica, a falta de infraestrutura escolar e a sobrecarga com afazeres domésticos limitam sua permanência na escola. Além disso, a ausência de creches e suporte para mães adolescentes agrava o problema. Conclui-se que a evasão escolar feminina está inserida em um contexto amplo de desigualdade social. Medidas interseccionais são essenciais para garantir equidade educacional, promovendo inclusão de gênero e raça no ambiente escolar.

Palavras-Chave: Evasão escolar; Desigualdade de gênero; interseccionalidade; estigma.

ABSTRACT

Abstract: Female school dropout rates are the result of the interaction between gender, race, and class inequality, aggravated by the absence of specific public policies. This study analyzes the factors that contribute to girls' school resistance, focusing on the unequal division of domestic labor, early pregnancy, and socioeconomic vulnerability. Data from IBGE (2022) show that black and indigenous girls face higher school dropout rates than white girls. The study is justified by the need to understand the structural challenges that exclude these young people from the educational system. The methodology is based on an interdisciplinary literature review, considering Margaret Mead (1949) on temperament in adolescence, Miriam Grossi (1998) on gender inequality in school, Kimberlé Crenshaw (1989) on intersectionality, and Erving Goffman on stigma. The results indicate that economic precariousness, lack of school infrastructure, and overload with household chores limit their permanence in school. In addition, the lack of daycare centers and support for teenage mothers aggravates the problem. It is concluded that female school dropout is part of a broad context of social inequality. Intersectoral measures are essential to ensure educational equity, promoting gender and racial inclusion in the school environment.

Keywords: Female school evasion; Gender inequality; intersectionality; stigma.

1. INTRODUÇÃO

A evasão escolar no Brasil é um fenômeno multifacetado, profundamente influenciado por fatores socioeconômicos, culturais e estruturais, que afetam de maneira significativa a permanência dos estudantes na escola. Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024) indicam que 9 milhões de jovens entre 14 e 29 anos não completaram o ensino médio, seja por terem abandonado a escola antes do término desta etapa ou mesmo por nunca a terem frequentado. Desse total de pessoas, 58,1% são compostos por homens e 41,9% são mulheres. Considerando-se cor ou raça, 27,4%, eram brancos enquanto 71,6% é composto por pessoas pretos ou pardos. Essa estatística evidencia a persistência de barreiras que dificultam a continuidade educacional, sobretudo para grupos em situação de vulnerabilidade.

O impacto da evasão é ainda mais acentuado entre estudantes do gênero feminino, especialmente entre crianças e adolescentes. Pesquisas demonstram que meninas enfrentam desafios adicionais, como a necessidade de assumir responsabilidades domésticas, a pressão para casamentos precoces e normas culturais restritivas que limitam sua participação no ambiente escolar (UNICEF, 2021). Esses fatores reforçam a marginalização e reduzem as oportunidades educacionais, perpetuando ciclos de desigualdade.

A decisão de abandono escolar pode ser impulsionada por múltiplos fatores, incluindo a falta de interesse acadêmico, dificuldades financeiras e problemas de saúde mental, que aumentam a vulnerabilidade desses jovens (Abramovay e Esteves, 2018, p. 27). Neste contexto, a teoria do estigma de Erving Goffman (1986) oferece um arcabouço teórico essencial para compreender como as interações sociais moldam a experiência educacional das meninas.

Segundo os dados mais recentes do INEP (2024), meninas e mulheres representam 49,4% (23,4 milhões) das matrículas de educação básica no Brasil. Na educação infantil (creche e pré-escola), as meninas representam o equivalente a 48,7% (4,6 milhões). Já no ensino fundamental I (1º ao 5º ano), correspondem a 48,5% (7 milhões). Enquanto ensino fundamental II (6º a 9º ano) conta com esse mesmo percentual. Contudo, esse cenário se modifica no ensino médio, quando elas

passam a ser maioria, com 50,9% (3,9 milhões). Desse modo, gênero é um marcador importante nos estudos sobre evasão escolar.

Em muitas comunidades, as normas culturais e as expectativas sociais impõem papéis de gênero que condicionam as escolhas das meninas desde cedo, influenciando diretamente sua permanência na escola. Fatores como a precariedade das políticas públicas de inclusão escolar e a condição socioeconômica das famílias são elementos determinantes no processo de evasão. Estudos apontam que a falta de infraestrutura escolar adequada, a ausência de incentivos financeiros e a escassez de programas de apoio psicossocial agravam essa situação (Cury, 2019).

Diante desse cenário, a análise dos fatores sociais que influenciam a evasão escolar entre meninas torna-se essencial para compreender as dinâmicas de exclusão e vulnerabilidade presentes no ambiente educacional. O presente estudo tem como objetivo geral analisar os fatores que contribuem para a evasão escolar de meninas, e propor reflexões sobre a necessidade de políticas e intervenções que promovam a equidade no acesso e na permanência escolar. Objetivos específicos: Identificar os principais fatores que levam meninas a abandonar a escola. Analisar como o estigma e as normas de gênero influenciam a permanência educacional de meninas e adolescentes. Investigar o impacto da interseccionalidade na desistência escolar feminina.

Ademais, a metodologia deste estudo fundamenta-se em uma revisão sistemática, com fito de compilar e analisar pesquisas acadêmicas, livros e artigos científicos que abordem a influência dos fatores sociais na desistência estudantil, com foco no público feminino menor de idade.

2. Desigualdade de Gênero e Evasão Escolar

Os fatores culturais exercem influência determinante sobre a evasão escolar, especialmente no que tange às desigualdades de gênero que afetam a trajetória educacional das meninas. Historicamente, o ingresso de mulheres na escola foi marcado por barreiras estruturais que reforçavam a ideia de que sua formação deveria ser restrita ao espaço doméstico ou às ocupações consideradas femininas (Siqueira; Silva, 2021).

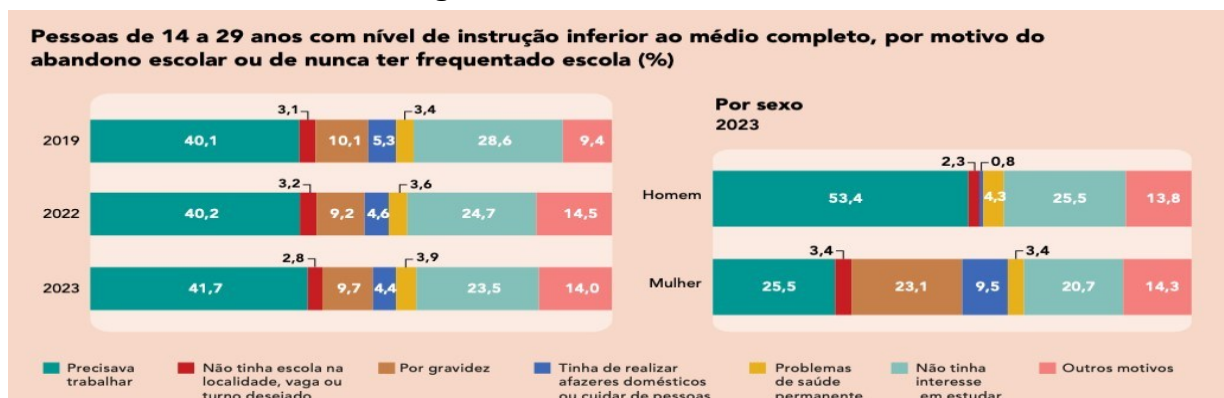
Embora avanços tenham sido registrados, ainda persiste uma expectativa social de que as meninas assumam responsabilidades domésticas desde cedo, o que

reduz significativamente o tempo dedicado aos estudos e compromete sua permanência escolar conforme indicam Lopes Filho e Silveira (2021). Como consequência, os estudantes enfrentam muitas dificuldades para conciliar as exigências familiares com a escolarização, resultando em um processo de exclusão silenciosa que perpetua desigualdades.

Outro fator cultural relevante na evasão escolar feminina é a normalização do casamento precoce em determinadas comunidades, onde o matrimônio é percebido como uma estratégia para reduzir os custos econômicos da família. Dayrell e Jesus (2016) indica que várias comunidades, especialmente em regiões mais pobres, o matrimônio é visto como uma "solução" para os desafios econômicos enfrentados pelas famílias. O casamento precoce, portanto, retira das meninas a oportunidade de concluir seus estudos, submetendo-as a uma realidade em que a educação deixa de ser prioridade.

Fonseca (2012, p. 13) afirma que “esse fenômeno perpetua a ideia de que a função feminina é restrita ao espaço doméstico, criando barreiras para sua emancipação educacional”. Não obstante, a divisão sexual do trabalho refere-se à atribuição de tarefas e papéis sociais distintos para homens e mulheres, baseando-se em construções culturais e sociais de gênero. Esses dados podem ser vistos no quadro abaixo:

Figura 1 – Idade da evasão



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019/2023. (1) Inclusive as pessoas que se declararam de cor ou raça indígena, amarela ou ignorada.

Segundo dados do PNAD/IBGE (2024) o principal motivo para as mulheres abandonarem a escola foi a necessidade de trabalhar (25,5%), seguido pela gravidez (23,1%), não ter interesse em estudar (20,7%), enquanto 9,5% das mulheres indicam que os afazeres domésticos ou o cuidado de pessoas foram o principal motivo para

terem abandonado ou nunca frequentado escola, enquanto entre homens, este percentual foi inexpressivo (0,8%).

Meninas que engravidam durante a adolescência frequentemente enfrentam o abandono escolar, seja por pressões familiares ou pelo preconceito no ambiente. Sendo assim, o estigma associado à gravidez precoce atua como um fator limitante, ampliando a exclusão e dificultando o retorno à escola após o nascimento do filho. A educação, então, torna-se secundária frente à necessidade de assumir responsabilidades adultas prematuramente impostas.

Nessas circunstâncias, a escola se torna um espaço transitório e secundário, sendo abandonada à medida que a menina assume novas responsabilidades conjugais. Isso é aliado à falta de políticas educacionais que consideram especificidades de gênero, aprofundam a exclusão e a estigmatização de meninas e reduzem suas perspectivas de autonomia financeira.

O conceito de estigma, conforme delineado por Erving Goffman (1980), é fundamental para compreender as razões que levam à evasão escolar entre meninas e adolescentes. Segundo o autor, o estigma opera como um atributo socialmente desvalorizado que reduz a identidade da pessoa a uma única característica negativa, promovendo sua exclusão do convívio social (Goffman, 1980, p. 13). No contexto escolar, meninas que enfrentam vulnerabilidades sociais, como pobreza, pertencimento a minorias étnicas ou gravidez precoce, são frequentemente rotuladas de forma depreciativa, o que intensifica sua marginalização e dificulta sua permanência na escola.

O estigma associado as adolescentes que engravidaram durante a vida escolar é um dos mais determinantes para sua exclusão. Muitos desses jovens passam a ser vistas como desviantes da norma, enfrentando preconceito tanto na escola quanto em seus círculos sociais, o que resulta em uma crescente desmotivação para continuar os estudos (Goffman, 1980, p. 47). Para além da gravidez, as meninas são submetidas a expectativas rígidas relacionadas ao comportamento feminino ideal, sendo pressionadas a aderir a papéis tradicionais que limitam suas possibilidades de desenvolvimento acadêmico e profissional (Lopes Filho; Silveira, 2021, p. 78).

As normas patriarcais funcionam como um mecanismo de controle sobre a trajetória educacional das meninas, reforçando a ideia de que sua função primordial

está no âmbito doméstico e não na formação intelectual (Rocca, 2023). Esse processo resulta em uma experiência escolar permeada por exclusão e descrédito, onde os jovens são desanimados a aspirar a carreiras que exigem qualificação formal. O afastamento dessas meninas da escola não é apenas resultado de situação individual, mas uma consequência direta de um sistema que estigmatiza e desvaloriza sua presença no espaço educacional (Goffman, 1980).

Dessa forma, a evasão escolar feminina não pode ser comprovada por uma forma dissociada das estruturas de poder que perpetuam desigualdades de gênero e classe. O estigma, ao atuar como uma barreira simbólica e social, cristaliza processos de exclusão e dificulta a mobilidade social dos jovens, perpetuando o ciclo de pobreza e subalternização. Como aponta Rocca (2023, p. 25):

A despeito dos esforços de inclusão escolar, muitas meninas são rotuladas de maneira excêntrica, tornando-se alvo de preconceito e discriminação no ambiente educacional, o que agrava sua situação e alimenta a desistência. A similitude entre os casos de evasão escolar feminina frequentemente reside nesse ponto de ruptura com a sociedade, causado pelo estigma.

Assim, compreender o estigma de um mecanismo estruturante da evasão escolar permite avançar na formulação de políticas públicas que garantam não apenas o acesso, mas a permanência e o reconhecimento da importância da educação para meninas e adolescentes.

3. Abandono Escolar: um problema interseccional

Margaret Mead (1979) demonstrou que as construções sociais de gênero determinam expectativas diferenciadas para meninos e meninas desde a adolescência, influenciando não apenas o comportamento individual, mas também as oportunidades e os desafios enfrentados na escola. No contexto educacional, as meninas são frequentemente submetidas a normas culturais que vinculam o cuidado da casa e da família, enquanto os meninos são incentivados a priorizar sua formação e carreira (Mead, 1979, p. 88). Essa divisão de cargos se reflete diretamente na evasão escolar, pois muitos jovens abandonam os estudos devido às responsabilidades domésticas ou à maternidade precoce, sem que haja suporte institucional adequado.

Miriam Grossi (1998), argumenta que a escola não é um espaço neutro, mas um ambiente que reforça desigualdades de gênero ao naturalizar comportamentos

que limitam as trajetórias das meninas. Professores e gestores educacionais muitas vezes reproduzem estereótipos, desencorajando a participação feminina em disciplinas consideradas "masculinas" e negligenciando o impacto da desigualdade de gênero sobre a evasão escolar. Essas desigualdades se expressam em formas sutis e explícitas, desde a divisão de tarefas por gênero até a ausência de políticas que incentivem a participação feminina em áreas tradicionalmente masculinas. Essas dinâmicas, somadas à falta de suporte institucional, resultam em uma trajetória educacional mais instável para meninas de contextos vulneráveis

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2022) indicam que meninas negras e indígenas apresentam maiores taxas de abandono escolar no ensino médio, devido a fatores como racismo institucional, falta de políticas públicas inclusivas e sobrecarga de trabalho reprodutivo. Além disso, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021), jovens de baixa renda têm até três vezes mais chances de deixar a escola do que estudantes de classes privilegiadas, reforçando a intersecção entre desigualdade econômica e de gênero. Isso pode ser demonstrado no quadro:

Quadro I – Sexo, Cor e Raça

Sexo, cor ou raça e Grandes Regiões	Idade em que abandonou a escola pela última vez (%)						
	Até os 13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	19 anos ou mais
Total (1)	6,2	6,6	12,6	16,0	19,5	21,1	17,9
Sexo							
Homem	6,1	5,9	12,2	15,2	19,7	22,4	18,4
Mulher	6,4	7,6	13,3	17,0	19,2	19,1	17,2
Cor ou raça							
Branca	5,4	6,7	12,3	17,0	20,6	22,7	15,2
Preta ou parda	6,6	6,6	12,8	15,5	19,1	20,4	19,0
Grandes Regiões							
Norte	7,4	7,2	12,8	13,0	15,9	19,3	24,5
Nordeste	7,3	6,4	12,0	14,4	18,3	20,1	21,6
Sudeste	5,3	6,9	13,1	17,0	21,2	22,6	13,8
Sul	5,5	6,5	13,5	18,7	21,4	20,4	14,0
Centro-Oeste	5,3	6,1	11,6	17,8	19,3	22,3	17,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022. (1) Inclusive as pessoas que se declararam de cor ou raça indígena, amarela ou ignorada.

A falta de recursos básicos, como transporte, alimentação e material escolar, aprofunda ainda mais esse quadro de exclusão, tornando o acesso à educação uma barreira difícil de transporte. Alves (2016) segue essa linha, ao apontar outro aspecto relevante da desigualdade econômica, cuja relação se encontra com a localização geográfica e com a qualidade das escolas disponíveis. O autor afirma que, “em

regiões mais afastadas e carentes de infraestrutura, as escolas muitas vezes carecem de recursos pedagógicos e docentes qualificados” (Alves, 2016, p. 56).

Outro fator que contribui para a desigualdade no âmbito escolar é a ausência de incentivos e programas que auxiliem as meninas a conciliar o estudo com suas obrigações familiares, já que esse também é um fator que perpetua a desistência escolar. Em muitas comunidades, a falta de creches, auxílio financeiro e apoio psicológico para adolescentes mães acaba por empurrá-las para fora do sistema educacional (Zamora, 2020).

A tabela a seguir resume os principais fatores sociais identificados, suas consequências e os desafios relacionados à evasão escolar entre meninas e adolescentes em fase escolar:

Tabela 1 – Síntese de Ideias

Fator Social	Descrição	Consequências	Desafios	Referências
Estigma Social	Marcas dis de associadas à etnia, ou prec gravidez	Exclusão social, marginalização no ambiente escolar.	Superar preconceitos e garantir apoio psicológico às meninas estigmatizadas.	GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada . Rio de Janeiro: Zahar, 1980. ROCCA, Fernanda Cunha. O impacto do clima escolar e do estigma no desempenho acadêmico de jovens LGBTQ+ . 2023. ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Abandono escolar compulsório de meninas: Trabalho reprodutivo e trabalho doméstico . 2020. Tese de Doutorado. PUC-Rio
Fatores Culturais	Pressões culturais, como casamento precoce e responsabilidades domésticas.	Abandono escolar para atender demandas familiares e culturais.	Desconstruir normas patriarcais e criar programas que incentivem a educação feminina.	DAYRELL, Juarez Tarcísio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar . Educação &

				Sociedade, v. 37, n. 135, p. 407-423, 2016. SIQUEIRA, L. F. S.; SILVA, M. C. de O. escola de meninas e mulheres cientistas: uso do design thinking como experiência de prototipação de ideias no campo científico feminino. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 15, n. 44, p. 682–704, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.8312178
Desigualdade Econômica	Falta de recursos materiais e políticas de inclusão educacional.	Necessidade de trabalhar ou cuidar do lar, agravando a exclusão escolar.	Implementar políticas públicas de suporte, como bolsas de estudo e assistência familiar.	ALVES, Natália. E se a melhoria da empregabilidade dos jovens escondesse novas formas de desigualdade social? Sísifo, n. 2, p. 5968/EN 59-66, 2016. ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Abandono escolar compulsório de meninas: Trabalho reprodutivo e trabalho doméstico. 2020. Tese de Doutorado. PUC-Rio

Os resultados obtidos reforçam que a desistência escolar feminina está profundamente enraizada em contextos sociais desiguais, nos quais a falta de apoio governamental, o estigma social e as tradições culturais limitam as oportunidades educacionais das meninas. A compreensão dessas dinâmicas exige uma abordagem interseccional, conforme proposta de Kimberlé Crenshaw (1991), que demonstra como diferentes marcadores sociais se sobrepõem na produção de desigualdades.

No caso da evasão escolar feminina, a interseccionalidade revela que não se trata apenas de uma questão de gênero, mas de um sistema estrutural de exclusão que afeta principalmente meninas negras, indígenas e periféricas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evasão escolar de meninas e adolescentes é um fenômeno complexo que resulta da interseção entre desigualdade de gênero, fatores socioeconômicos, culturais e raciais. A análise dos fatores que contribuem para a prevalência desse cenário evidencia que normas patriarcais, o estigma social, a sobrecarga de responsabilidades domésticas e a vulnerabilidade econômica criam barreiras significativas para a permanência dessas jovens na escola. Além disso, aspectos como a gravidez na adolescência e o casamento precoce agravam essa exclusão, restringindo as oportunidades de desenvolvimento educacional e profissional.

Conforme apontado por Mead (1949), as construções culturais sobre os papéis de gênero moldam as expectativas em relação ao comportamento de meninas e meninos, o que reflete diretamente na maneira como adolescentes experienciam a escolarização. Na escola, essas desigualdades se expressam em formas sutis e explícitas, desde a divisão de tarefas por gênero até a ausência de políticas que incentivem a participação feminina em áreas tradicionalmente masculinas. Essas dinâmicas, somadas à falta de suporte institucional, resultam em uma trajetória educacional mais instável para meninas de contextos vulneráveis.

Além disso, os dados estatísticos revelam que a evasão escolar não é um fenômeno homogêneo, no Brasil, meninas negras e indígenas apresentam taxas mais elevadas de abandono escolar devido às barreiras acumuladas que enfrentam no ambiente educacional e fora dele. Essa realidade evidencia a importância de abordagens interseccionais na formulação de políticas públicas, conforme argumentado por Crenshaw (1989), pois a sobreposição de opressões cria desafios específicos que não podem ser resolvidos por medidas genéricas.

Dessa forma, combater a evasão escolar feminina exige políticas que enfrentem as desigualdades estruturais em múltiplas frentes, garantindo acesso à educação de qualidade, suporte financeiro para famílias em vulnerabilidade e programas que incentivem a equidade de gênero dentro das escolas. Somente por meio de ações interseccionais e inclusivas será possível romper o ciclo de exclusão

e assegurar que todas as meninas tenham direito a um futuro educacional e profissional digno

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz. **Juventude e Ensino Médio: um estudo sobre os fatores associados à evasão escolar**. Brasília: Unesco, 2018.
- ALVES, Natália. **E se a melhoria da empregabilidade dos jovens escondesse novas formas de desigualdade social?** *Sísifo*, n. 2, p. 59-68/EN 59-66, 2016.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando as Margens: **Interseccionalidade, Política de Identidade e Violência contra Mulheres de Cor**. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Direito à educação: fundamentos, políticas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2019.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. **Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar**. *Educação & Sociedade*, v. 37, n. 135, p. 407423, 2016.
- FONSECA, María Helena et al. Bullying: **Forma de violência e exclusão escolar**. *Motricidade*, v. 8, n. 2, p. 797-802, 2012.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. SILVA, Maria Aparecida; ARAÚJO, João. **Gênero e educação: desafios e perspectivas**. Recife: Editora Universitária, 2020.
- IBGE. **Uma em cada quatro mulheres de 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupada em 2023**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencianoticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39531-uma-em-cada-quatro-mulheres-de-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupada-em-2023>.
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico: Taxas de Evasão Escolar no Brasil**. Brasília, 2022.
- INEP. Censo da Educação Superior – 2017. governamental. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>.
- INEP. **Ministério da Educação divulga panorama das mulheres na educação básica**. 2024. Disponível em Acessado em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202403/saiba-mais-sobre-o-panorama-dasmulheres-na-educacao-basica> 12 fevereiro de 2025. <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202403/saiba-mais-sobre-o-panorama-dasmulheres-na-educacao-basica>

LOPES FILHO, José Ahirton Batista; SILVEIRA, Ismar Frango. **Deteção precoce de estudantes em risco de evasão usando dados administrativos e aprendizagem de máquina.** Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação, n. E40, p. 480-495, 2021.

MEAD, Margarida. **Sexo e temperamento em três sociedades primitivas.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

ROCCA, Fernanda Cunha. **O impacto do clima escolar e do estigma no desempenho acadêmico de jovens LGBTQ+.** 2023.

SIQUEIRA, L. F. S.; SILVA, M. C. de O. **escola de meninas e mulheres cientistas: uso do design thinking como experiência de prototipação de ideias no campo científico feminino.** Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 15, n. 44, p. 682–704, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.8312178.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Relatório sobre Educação e Desigualdade de Gênero.** Brasília, 2021.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **O impacto da desigualdade de gênero na educação das meninas.** Brasília: UNICEF, 2021.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. **Abandono escolar compulsório de meninas: Trabalho reprodutivo e trabalho doméstico.** 2020. Tese de Doutorado. PUC-Rio.